



Presentes engarrafados

Sempre disseram que o presente que a pessoa recebe revela o caráter ou, pelo menos, a imagem que os outros têm dela. Ninguém dá livros para quem não lê, discos para quem não gosta de música, roupa para quem vive amarfanhado. É a lógica. E é o que tem me deixado com pulgas atrás da orelha — e o inseto incomoda.

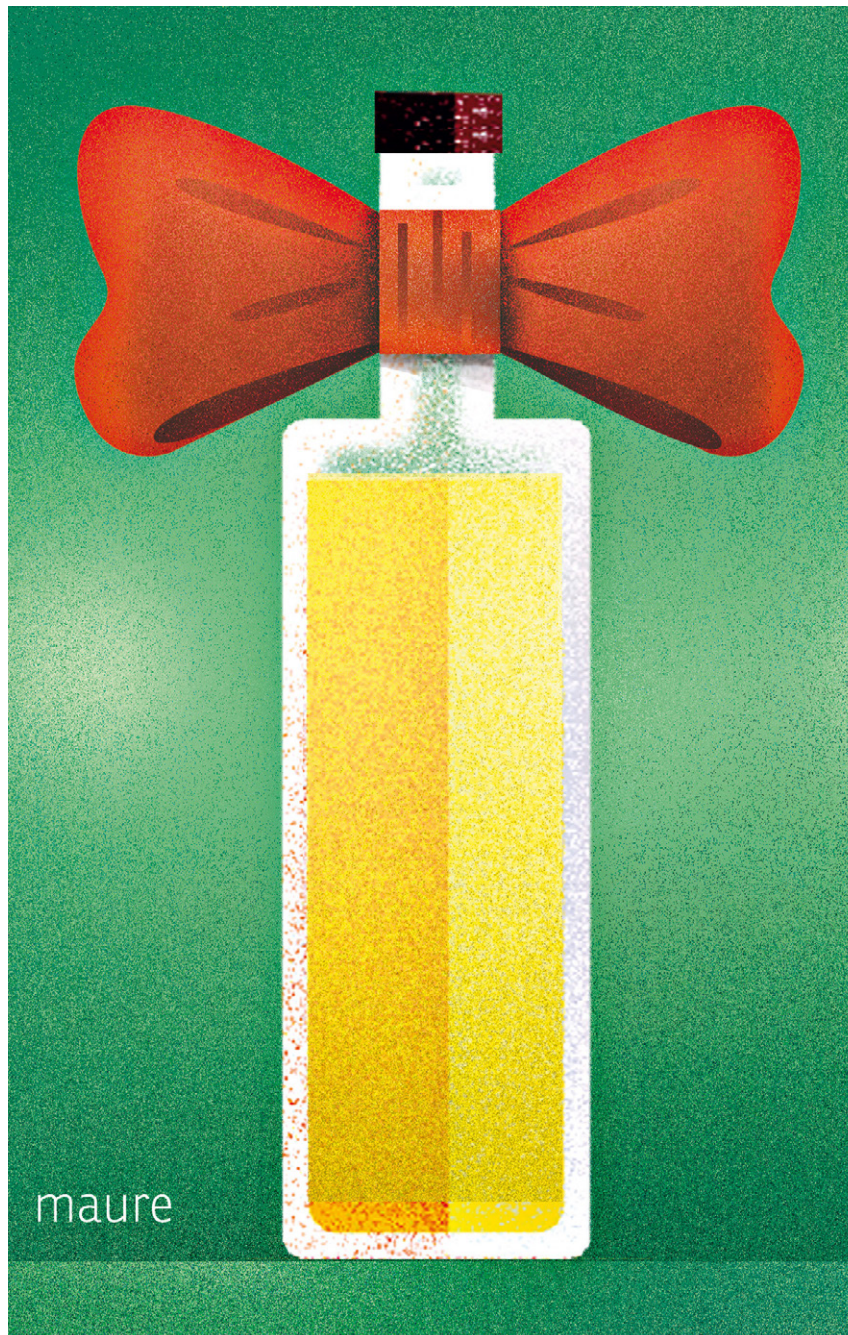
Se isso for mesmo verdade, devo estar mal falado: só ganho garrafa de cachaça. De uns tempos para cá, uma boa variedade de pingas chegou às minhas mãos. Amigos viajam, trazem uma garrafa; e ainda há embalagem de presentes corporativos, brindes e agrados de conhecidos.

Não é cangibrina no sentido lato, que envolve outros tipos de destilado. É restrito à produção da cana-de-açúcar mesmo. Não tenho do que reclamar, além, óbvio, da desconfiança que isso traz a respeito da minha respeitabilidade. Se o Detran descobre, vai fazer ponto na minha rua; se o banco fica sabendo, tranca a conta; se a família desconfiar, interdita.

Melhor esclarecer: como não sou passarinho, bebo. Mas educadamente, com a parcimônia dos ajuizados e a fleuma dos justos.

A 'marvada' já teve inimigos ferozes, como o senador Paulo Abreu que, em 1951, tentou proibir a fabricação, o comércio e o consumo do produto. A desculpa é que se tratava de um "mal social".

Fragorosamente derrotado, o parlamentar ainda tentou proibir marchinhas de carnaval que tinham



a cambraia ou seus efeitos como tema, como Ressaca ("tá todo mundo de ressaca"), Cachaça ("não é água não") e Tem nego bebo aí ("foi numa casca de banana que pisei"). Falhou de novo.

Atualmente, a caninha não está mais à margem da sociedade, foi incorporada como bebida que pode ser apreciada e não apenas para virar o juízo nas melhores — ou piores — horas da existência. O preço das garrafas mais prestigiadas vai às alturas e há algum tempo são realizados ranqueamentos com jurados especialistas (olha eles de novo!) que elegem os melhores rótulos, o que, evidentemente, aumenta o preço.

Manguaças tradicionais vem sendo preteridas em nome de produções mais sofisticadas, tanto para as brancas quanto para as amarelas, para seguir a nomenclatura da poesia de Laureano e Raul Torres, no clássico Moda da pinga, eternizado por Inezita Barroso. A exceção é a velha Havana, de Salinas, com 75 anos de história, mesmo rótulo e paladar para bolsos abastados, sempre no topo das listas.

Confesso que não dou importância para rótulos. A birita produzida em pequena escala, para consumo familiar, envelhecida em barris de madeiras de sabor menos pronunciado ou mesmo no aço para manter a brancura, ainda estão entre as favoritas. Uma provinha resolve o problema, sem a necessidade de um corpo de jurados.

Na verdade, a terembitina é só uma desculpa para estar com amigos; portanto, é bom começar a mudar a lógica de acreditar que quem ganha garrafas é um pinguço. Ao contrário, é apenas um sujeito que tem bons amigos — e se isso não é verdade, é bom consolo. Portanto, continuarei recebendo os mimos etílicos. De bom grado.